

Pagu: Mulher E Intelectual

Prof. Dr^a. Luciene Almeida Azevedo¹ (UFU)
Mestranda Juliana Borges Rodrigues² (UFU)

Resumo:

Este trabalho propõe-se a repensar a postura do intelectual, bem como a da escritora e ativista Patrícia Rehder Galvão. Nosso objetivo é investigar a postura e o papel do intelectual na sociedade brasileira a partir da tensão entre o compromisso de participação política e a pesquisa de novas formas estéticas. Pretendemos analisar a tão falada ‘crise’ atual da intelectualidade, relacionando-a ao momento de intensa participação do intelectual-escritor durante o modernismo, tendo como objeto de estudo o romance “Parque Industrial”, escrito por nossa intelectual-escritora na década de 30. Sem pretender defender dogmas, almejamos identificar também, na figura feminina de Pagu e em sua intensa atividade intelectual uma condição de diferença fundamental para o desrecalque da condição da mulher na sociedade, além de discutir a respeito de sua autoria enquanto uma intelectual-mulher.

Palavras-chave: Pagu, Modernismo, Intelectual, Feminino, Parque Industrial.

Introdução

Pretendemos por meio deste trabalho, apresentar as tensões que permeiam uma suposta “crise” atual da intelectualidade. O pressuposto básico é que vários dos impasses em que a intelectualidade se encontra hoje são possíveis de serem identificados no período modernista e de forma especial e tensa na obra e na trajetória de Patrícia Galvão. Essa discussão parte de textos críticos de pensadores como Adauto Novaes, Marilena Chauí e Beatriz Sarlo. Com essa proposta, temos como objeto de estudo a intelectual escritora Pagu e seu romance-panfletário, *Parque Industrial*. Por meio desse romance temos ainda o estudo do ‘papel’ do feminino, de como Pagu demonstra a condição da mulher na sociedade.

Iniciaremos então com a análise da possível “crise” atual da intelectualidade, e para tanto utilizaremos a leitura de alguns estudiosos no assunto, como Adauto Novaes e Beatriz Sarlo. Segundo Adauto Novaes em seu artigo “Intelectuais em tempos de incerteza”, situado no livro de sua organização, *Silêncio dos intelectuais*, a civilização contemporânea vive um momento de grandes transformações, e esse momento é denominado de ‘mutação’. Essa mutação, ao contrário de uma crise, afeta todo o conjunto das atividades humanas, por esse motivo, pelo tempo de incerteza ter afetado diversos campos de atividades, Novaes o denomina de um tempo de ‘mutação’. Ainda segundo este estudioso esse momento se refere ao *tempo da ordem e da desordem*, ocasião de constantes mudanças em virtude de outras posturas relacionadas à dimensão do passado, à previsão do futuro e à efemeridade do presente. E ainda afirma que, a partir do que denomina do tempo da *Ordem e da Desordem*, é difícil construir ‘representações’ do mundo atual, o intelectual percebe uma dificuldade de se posicionar perante os acontecimentos, e observa assim a presença de seu próprio ocaso evidenciado através de um “silêncio”.

Para glosar a respeito do “silêncio” dos intelectuais na atualidade, Adauto Novaes faz menção ao pensamento do filósofo Jacques Bouveresse. Segundo esse filósofo, o ocaso e a conseqüente deslegitimação dos intelectuais e de seu trabalho, ocorrem após inúmeras ‘mutações’, declínios e metamorfoses na sociedade como um todo. A rapidez das transformações faz com que se perca seu ponto de apoio, se deparando com dificuldades de estabelecer e defender conceitos e teorias orientadoras. Visto que para exercer o seu papel o intelectual necessitava de um ponto de apoio no qual ditava regras e dava opiniões, com esse ocaso advindo com as ‘mutações’ ocorridas na sociedade, o intelectual ‘perde’ seu eixo.

Na seqüência de sua argumentação, Novaes afirma que o suposto “silêncio” é decorrente desse cenário de incerteza e transformação, cuja conseqüência mais evidente para os intelectuais é o abandono da postura engajada. Arriscando-se em uma causa desse panorama, nosso escritor propõe que esse “silêncio” pode estar ocorrendo pela avassaladora presença legitimante da ciência na civilização contemporânea, pois “A ciência reduz o espírito a um papel de autômato e “exige dele não apenas o sacrifício da pessoa, mas também o sacrifício do intelecto””.(NOVAES, 2006.p. 10) Portanto, o poder avassalador da ciência juntamente com sua efemeridade teria provocado uma redução da posição crítica e de reflexão do intelectual. Se concordarmos com sua tese, qual seria o motivo pelo qual a ciência reduziria o intelectual a um silêncio? Em sua análise da obra do poeta e crítico Paul Valéry, Adauto Novaes afirma que o motivo principal pelo qual a ciência rivaliza com o intelectual é o fato de o espírito científico distanciar o homem da vida. Isso afetaria diretamente o papel dos intelectuais, privando-os de sua iniciativa, inventividade e capacidade de improvisação.

Seguindo ainda o pensamento de nosso crítico o “silêncio” e o pensamento acima descrito pode ser interpretado de duas formas: ou vive-se em um momento cujo silêncio se torna algo inerente à tarefa de pensar o mundo, própria do papel do intelectual, já que sua atividade necessita de um tempo de reflexão, a fim de pensar e repensar seu trabalho criticamente; ou ainda um silêncio ‘negativo’, característica de um momento de crise, pois, a partir do momento em que esse silêncio se torna algo constante, passa a ser sinônimo de preocupação, pois pode indicar que o intelectual agora retraído não tem mais o que dizer.

Ao intelectual contemporâneo, pelos motivos acima evidenciados por Adauto Novaes, foi negada sua capacidade de trabalhar com seus ‘ideais’, os quais eram antes os objetos de seu trabalho. A matéria e o trabalho do intelectual eram permeados pela análise e crítica feitas por meio dos valores Universais, ou Ideais Universalizantes: a liberdade, a justiça, a razão e a verdade. Valores propostos pelo iluminismo e que ajudariam a responder algumas questões: “Onde estamos? Para onde vamos?” (NOVAES, 2006.p. 7). Ou seja, os intelectuais acreditando nos ideais universalizantes ditavam os rumos, as regras e criticavam os acontecimentos. O trabalho do intelectual era realizado por meio da análise e compreensão da realidade. O intelectual seria “aquele que tenta infatigavelmente construir a si mesmo e a todas as coisas através de atos articulados do espírito [e ainda] por encarnar os ideais universais procura reunir em si o que está disperso”, portanto, o intelectual é um ser que deve deixar de lado seus saberes para dedicar-se ao engajamento e à luta pelos ideais universalizantes.

Nesse instante nos deparamos com uma questão que diz respeito ao nosso objeto de estudo. Seria Patrícia Galvão (Pagu), mulher, militante e ativista, uma intelectual tradicional, que produzia sua crítica através dos ideais Universalizantes e que estava disposta a deixar de lado todo determinismo? Enquanto intelectual Pagu ansiava em encontrar um grande ideal, com o qual poderia lutar com todas suas forças, até que finalmente o encontrou, “Patrícia tinha encontrado o primeiro grande ideal: “A luta de classes. A libertação dos trabalhadores.”” (JACKSON Apud GALVÃO, 2005. p. 20) Patrícia Galvão era uma mulher que queria um motivo novo, algo pelo qual ela pudesse obter uma catarse de seus sentimentos, e ela o encontrou na possibilidade do engajamento. Portanto, o que seria um intelectual engajado? Seria Pagu uma intelectual engajada?

O filósofo Jean-Paul Sartre concebe o intelectual engajado como sendo “o escritor de atualidades que opina e intervém em todos os acontecimentos relevantes, à medida que vão se sucedendo uns aos outros. É um estado de vigília permanente”. (SARTRE apud CHAUI, 2006. p.25) Então, segundo Sartre, o intelectual engajado seria aquele cuja atividade é criticar ativamente os acontecimentos à medida que eles vão acontecendo. Avistamos ainda algumas questões: Seria Pagu uma intelectual que intervinha nos acontecimentos e vivia em estado de vigília? Pagu nos demonstra sua força e sua vontade de intervenção política até mesmo na escrita de suas obras, como por exemplo quando escreveu seu romance objeto de nosso estudo *Parque Industrial*,

Ia acabar expulsa do Partido em 1938, mas não antes de tentar de “provar” a sua proletarização, inclusive com o romance *Parque Industrial*, de 1931: “Aceitei a situação. Minha vida era minha vida política. Apesar de contrária à “depuração” arbitrária, não quis desanimar. Trabalharia intelectualmente, à margem da organização. Pensei em escrever um livro revolucionário. Assim nasceu a idéia de *Parque Industrial*. Ninguém havia ainda feito literatura neste gênero. (GALVÃO apud JACKSON, 2005. p. 21)

Nesse trecho temos como era a intervenção de Pagu, como ela era engajada politicamente com sua causa, que até mesmo problemas com o PC não a fizeram desanimar a priori. Uma segunda questão relataria a respeito das transformações pelas quais atravessou o momento em que Pagu viveu. Quais os desafios enfrentados pela intelectualidade de 30 no Brasil? A ponte possível de aproximação com o presente diria a respeito, então, ao fato de que se no contemporâneo, segundo Novaes, os acontecimentos se desenrolam de uma forma alucinante a ponto de tornar o presente quase efêmero, provocando o tão falado “silêncio dos intelectuais” e conduzindo-os a uma ‘crise’? Seria possível ver em Pagu, cujo rótulo é o da escritora engajada por excelência, uma fratura dessa condição? Um momento de silêncio que exige um tempo de reflexão e crítica de suas próprias posturas? Silêncio, então, positivo. Crise profícua. Talvez possamos observar esse silêncio em Pagu quando ela se desilude com as questões as quais ela percorreu toda sua vida, mas que de nada adiantou, que não deu frutos. Em uma entrevista, seu filho Geraldo Galvão relatou que ao final de sua vida, sua mãe Patrícia Galvão, não gostava de ser chamada por seu apelido Pagu, pois segundo ela, esse codinome acarretava muitas características que não mais eram inerentes a ela, o sentido de liberdade, e paixão pela luta.

Para podermos empregar um estudo amplo sobre a questão do intelectual e para observarmos se realmente seria Patrícia Galvão uma intelectual, mesmo com seus embates e desilusões, acreditamos ter importância a origem do termo intelectual.

1 Origem do intelectual

Para um melhor entendimento dessa possível “crise” atual da intelectualidade acreditamos ser de grande relevância a observação de alguns fatos como, por exemplo, o surgimento e a significação do termo ‘intelectual’. Tendo seu surgimento no século XIII, momento decisivo na história do Ocidente para *Alain de Libera*, o intelectual é um ser que se distancia de um fato, mas cria associações e estabelece vínculos políticos e comunitários, em contraposição à postura medieval em que atua como um ‘espectador indiferente’. O intelectual é um ser que faz críticas e associações, que pontua sua posição, e segundo *Maurice Blanchot* “o intelectual é uma parte de nós mesmos que não apenas nos desvia momentaneamente de nossa tarefa, mas que nos conduz ao que se faz no mundo para julgar e apreciar o que se faz”.(NOVAES 2008 apud BLANCHOT p.1). Ou seja, o intelectual é aquele ser que julga e discute ações, tanto suas, quanto dos que estavam ao seu redor.

Na definição de Adauto Novaes sobre o intelectual,

Sabe-se que ele não é, necessariamente, o homem de letras, o artista, o político, o historiador, o filósofo, o escultor, o sábio etc., ou seja, sabe-se que nem todo homem de letras, nem todo artista, nem todo político etc. é intelectual, o que não significa que um deles não possa vir a ser. (NOVAES, 2006. p. 12)

Portanto, o intelectual era apenas o crítico, o ser que se posicionava perante um acontecimento ou um fato, não necessariamente ele tinha um papel fixo na sociedade.

Beatriz Sarlo em seu ensaio, “Intelectuais”, contido em seu livro *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*, através de um tom jocoso de construção de caricatura, afirma que os intelectuais “Foram conselheiros de príncipe, de ditadores, de déspotas esclarecidos, de outros intelectuais convertidos em políticos, de políticos intelectuais e de políticos que tive-

ram pouco a ver com o mundo das idéias. Falaram ao Povo, à Nação, aos Desvalidos deste mundo, às Raças oprimidas, às minorias”. (SARLO 2000 p. 160-161). Nesse trecho, percebemos como Sarlo satiriza a figura do intelectual, colocando-o a par com outras figuras.

Retomando as origens do intelectual, temos que para continuar defendendo seus “Ideais Universalizantes” o intelectual deve evitar todo determinismo e lidar com potências indeterminadas, deixar de ser o teórico e o homem da vida prática para - como nos relata Novaes - encarnar novamente “o espírito crítico, capaz ao mesmo tempo de reconstruir o passado e construir idealmente o futuro”, ou seja, retomar seu trabalho como crítico que relata sua opinião de acordo com a realidade.

Beatriz Sarlo desenha um modelo ultrapassado de intelectual. Segundo ela, os intelectuais,

Tiveram a paixão do universal: os direitos do homem e do cidadão; os direitos da classe operária que, se realmente assumisse sua missão, poderia tornar-se uma fonte de liberdade para todos os oprimidos. Essa paixão do universal os obrigou a desprezar as perspectivas particularistas que consideraram frutos tardios e extirpáveis do atraso ou de operações do inimigo no campo do povo. Acharam que as vanguardas políticas eram indispensáveis à luta pelo progresso e à revolução. E indispensáveis também porque a espontaneidade das massas que deviam participar dessas lutas não garantia, por si só, um resultado progressista. (SARLO, 2000. p. 160)

Tal modelo apresenta um impasse, pois observamos que o intelectual era esse ser que procurava uma identidade, que sentia a necessidade de perseguir um ideal que caracterizasse sua conduta. Em nome desse ideal se sacrificaram, foram exilados, perseguidos, presos, torturados, assassinados, censurados, deportados, muitos até desrespeitaram as fronteiras de seu ofício e a particularidade do apelo, acreditando que sua voz tinha algo a dizer à sociedade. Uma de suas principais características era a de se desviar de suas próprias causas particulares para seguir os ideais universalizantes. Tendo em vista essas características inerentes ao intelectual em sua origem, seria possível fazermos uma relação com Pagu? Seria ela essa intelectual que se sacrificou, foi exilada, perseguida, torturada e censurada? Por sua fascinação pela causa operária Patrícia Galvão chegou a ser a primeira mulher comunista a ser presa em praça pública, ela foi exilada e torturada não somente no Brasil como fora. Não seria então Pagu uma intelectual-engajada-feminina?

Retomando a posição do intelectual como um todo, nota-se que sua situação está posta em xeque atualmente, e como nos cita Novaes, isso ocorre por suas próprias escolhas. Os intelectuais fizeram uma série de escolhas que os levaram ao abismo, a primeira delas é aventada pelo alemão Peter Sloterdijk: “pensando a revolução, o intelectual contemporâneo errou de alvo: ela estava sendo conduzida não pelo proletariado, mas pela técnica. No fim, o jogo foi feito, a revolução aconteceu, e os intelectuais revolucionários não perceberam o que se passava”.(NOVAES 2008 apud SLOTERDIJK p. 14) Enfim, os intelectuais deixaram de lado as revoluções políticas e os seus ‘ideais’ para se dedicarem às revoluções técnicas e mentais, o que o diferencia do intelectual clássico, o qual procurava ideais políticos para sua luta.

Entende-se que a intelectual-modernista Patrícia Rehder Galvão (Pagu), cuja obra *Parque Industrial* é objeto de nosso estudo, nos inquieta em relação a seu trabalho, portanto nosso objetivo é o de procurar indícios que possam caracterizar a figura de Pagu como intelectual, através não apenas de sua obra, mas também analisando sua participação como intelectual-escritora no período modernista em relação aos intelectuais-escritores da mesma época. A formação intelectual de Pagu iniciou-se após sua viagem a Montevideu, onde foi encontrar-se com Luís Carlos Prestes. Lá comprou livros que falavam a respeito das doutrinas sociais e sobre a fé nova do comunismo.

Já citamos no decorrer desse texto alguns desses indícios, agora gostaríamos de alinhar mais algumas questões a respeito dessa intelectual. Encontramo-nos, como já dissemos, em um impasse, pois Patrícia Galvão como uma intelectual modernista, carregava consigo as características

desse modelo ultrapassado citado pela Sarlo, a qual ansiava por um ideal no qual pudesse em suas obras, na forma de uma catarse, libertar seus sentimentos. Porém, em seus escritos e até mesmo em suas atitudes, observamos também algumas características de um outro modelo de intelectual, cuja decisão não foi a de aceitar tudo o que o partido propusesse a ela e muito menos se deixar pressionar pela urgência do presente. Logo, seria Pagu uma intelectual que deixou de lado seus ideais para adotar um ‘silêncio’ de desilusão?

Segundo Novaes, as mutações que estão acontecendo com o intelectual começaram há tempos, desde quando ele negou sua origem e afastou-se da figura do militante a serviço do povo. Teria Pagu abandonado sua militância em favor de um silêncio advindo de uma desilusão?

Pagu enfrentou em sua vida e militância vários desafios, um dos maiores foi o de ser mulher, por essa condição, muitas vezes o PC dava a ela trabalhos sujos como o de seduzir alguém para obter informações, ou o de fazer viagens para se encontrar com alguém suspeito, pois ela sendo mulher, as acusações contra ela seriam menores. Observemos agora como se deram a luta feminina e a questão da intelectualidade feminina em Pagu e em sua obra.

2 O papel da intelectual e o da mulher

Além da luta por um mundo democrático em relação às classes, Pagu tenta demonstrar em sua obra – como feminista que era – como deveria ser a postura feminina frente aos embates e os arquétipos impostos pela sociedade. Por esse motivo faz em suas obras uma crítica ferrenha ao papel que a mulher tinha na sociedade, e o que deveria ser feito para que esse arquétipo fosse desmistificado.

Tomando como base seu romance *Parque Industrial*, romance esse denominado como proletário, pois retrata como era o dia-a-dia dos trabalhadores das fábricas, além da crítica ao papel feminino. Esse romance escrito em meados do ano de 1931, por uma jovem de 21 anos, nos demonstra com realismo e lucidez como se davam as dificuldades encontradas no país, como as pessoas e principalmente as mulheres eram consideradas e mal tratadas.

Pagu deixa clara sua denúncia ao papel do feminino no país, por isso, apresenta em sua obra três personagens principais: Corina, Eleonora, e Otávia. Três figuras muito importantes na obra, pois a partir da apresentação de cada uma delas podemos ter um ponto de vista a respeito do “arquétipo da mulher”. Os demonstrados por ela na obra são: o da mulher tida como o ‘sexo frágil’, aquela cujo único papel é o de servir ao marido, aos filhos e à sua casa. A figura da mulher ‘dona de casa’ e submissa ao pai e subsequentemente ao marido; e por ultimo é apresentado seu alter-ego, uma mulher intelectual que enfrenta embates para conseguir o que quer. Em sua obra, Pagu tenta desmistificar esse arquétipo com a apresentação dessas três personagens. A primeira delas é “Corina, com dentes que nunca viram dentista, sorri lindo, satisfeita. É a mulata do atelier. Pensa no amor da baratinha que vai passar para encontrá-la de novo à hora da saída.” (GALVÃO, 2005. p. 25)

Corina é uma moça carente, que vivia com sua mãe e era obrigada a vivenciar cenas repugnantes da mesma com seus ‘amigos’. Mulata, bonita e desprovida de tudo, deixa enganar-se pelo amor de um homem tendo um fruto desse enlace desse amor. Com a gravidez decorre então a desilusão, pois o pai da criança pede a ela que ‘perca’ a criança, mas como aquele pequeno ser já fazia parte de sua vida, ela não escuta as palavras daquele homem que era o pai de seu filho. Estando desempregada e necessitando alimentar-se, ela foi obrigada a se prostituir, para conseguir dinheiro.

É com Corina que temos a cena mais repugnante do livro. A cena em que ela dá a luz ao seu bebê.

Corina sofre horivelmente.

Se a sua mãezinha estivesse ali. Gosta tanto de carinhos. Não tem ninguém para a animar. Chama a enfermeira.

- Não me deixe! Fique perto de mim. Passe a mão na minha cabeça. Que Bom!

Grita sem saber. Descobre-se.

Lá no fundo das pernas um buraco enorme se evolua descomunalmente. Se rasga, negro. Aumenta. Como uma goela. Para vomitar de repente, uma coisa viva, vermelha.

Uma enfermeira recua. A parteira recua. O médico permanece. Um levantamento de sobrançelas denuncia a surpresa. Examina a massa ensangüentada que grita sujando a colcha. Dois braços magros reclamam a criança.

- Não deixe ver!

- É um monstro. Sem pele. E está vivo!

- Esta mulher está podre...

Corina reclama o filho constantemente. Tem os olhos vendados, o chorinho do monstro perto dela. (GALVÃO, 2005. p. 64-65)

Em seguida temos a presença da normalista Eleonora. Mulher sonhadora, que ansiava por casar-se e ter uma ‘linda’ família, mas que principalmente tinha o sonho de participar das grandes rodas da sociedade. Eleonora simboliza o ‘arquétipo da dona de casa’, pois se casar com seu namorado Alfredo (homem de posses, mas que tinha por ideal, fugir de tudo aquilo que o circulava, ele queria assim como os intelectuais modernistas, um mundo novo e sem desigualdades) era o seu grande ideal. Portanto, por essa incompatibilidade de pensamentos e desejos, o casamento se finda, e o sonho da figura feminina mais uma vez chega ao fim.

Na confeitaria tradicional das normalistas, Alfredo Rocha, moço rico, beija as mãos da noiva. Acha uma graça infinita nas colegas gluttonas de Eleonora. Paga. Despede-se. O carro se afasta espalhafatosamente. Os olhos cobiçosos das meninas os seguem. (idem. p. 38)

O pai de Eleonora ganha 600 mil-réis na Repartição. Fora os biscates. A mãe fora educada na cozinha de uma casa feudal, donde trouxera a moral, os preceitos de honra e as receitas culinárias. Sonham para a filha um lar igual ao deles. Onde a mulher é uma santa e o marido bisa paixões quarentonas. (idem. p. 39)

Nessa última citação, temos o ‘arquétipo da mulher’, ou seja, como o papel da mulher era reconhecido na sociedade, a mulher submissa, santa, enquanto que o marido vivia em uma condição de traição, tendo sua vida extra-conjugal. Por fim, temos a presença da personagem Otávia, mulher fascinante e que se apresenta no livro como um alter-ego de Pagu, pois era militante, lutava pelo novo, filiou-se ao PC (Partido Comunista) – de onde vêm suas idéias reacionárias – e se engajava na luta e embate à postura do feminino. Com o término do casamento de Eleonora com Alfredo, outro casal se forma nessa trama, Otávia e Alfredo. Esse encontra em Otávia uma mulher forte, lutadora, e apaixona-se por ela. Observamos então que um grande romance inicia-se. Porém, o que eles não esperavam acontece, o partido comunista coloca Otávia ‘contra a parede’ e diz que seu romance não poderia continuar, pois desconfiavam que Alfredo estivesse traindo o partido. Então, por amor à sua luta, Otávia deixa Alfredo.

Otávia não perde um momento. Lê. É um livro de propaganda. Simples como criança. Cruza as pernas infantis nas meias ordinárias. Rosinha Lituania, acompanha a integração revolucionária da companheira e passeia os olhos pelos bancos. Corina é a única isolada, de olhos fechados. A cabeça pintada, na boina azul. Acha pau o proselitismo das outras. Julga a vida um colosso! (GALVÃO, 2005 .p. 26)

Otília está gelada. Os acusadores apontam fatos inflexíveis. Desvios. Personalismos. Erros. Todos a fitam diante das provas concretizadas. É verdade. Alfredo se deixara arrastar pela vanguarda da burguesia que se dissimula sob o nome de “oposição de esquerda” nas organizações proletárias. É um trotskista. Pactua e complota com os traidores mais cínicos da revolução social. (GALVÃO, 2005. p. 112)

Na cena descrita acima, observa-se a garra de Otília ao renunciar o seu amor pela causa de seu partido, notamos nela a caracterização de uma intelectual engajada e que abandona seus projetos por uma causa. Pagu também se encontrou nesse embate, e é por esse motivo que ousamos dizer que Otília seria seu alter-ego. A certa feita o partido exige de Pagu sua separação de Oswald.

Exigiam a minha separação definitiva de Oswald. Isto significava deixar meu filho. A organização determinava a proletarianização de todos os seus membros. Eu não era ainda membro do Partido Comunista. O preço disso era o meu sacrifício de mãe. Ainda havia condições mais acentuadas. Oswald era considerado elemento suspeito por suas ligações com certos burgueses, e eu teria que prescindir de toda e qualquer comunicação com ele e, portanto, resignar-me à falta de notícias de meu filho. (idem. p. 95)

Concluimos este texto com essa última citação na qual observamos a relação de Patrícia Galvão com seu engajamento, relação esta tão forte que faz com que ela abandone sua família para seguir os ideais os quais ela acreditava. Acreditamos ser essa intelectual-feminina uma das principais de seu tempo, pois consegue ao mesmo tempo relatar acerca da questão do intelectual engajado, do proletariado e do feminino.

Referências Bibliográficas

- CAMPOS, Augusto de. **Patrícia Galvão, Pagú: vida-obra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- FERRAZ, Geraldo Galvão, (org.) **Paixão Pagu: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- GALVÃO, Patrícia (como Mara Lobo). **Parque Industrial**. Introdução de Geraldo Ferraz, Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- NOVAES, Adauto. **O silêncio dos intelectuais**. Editora Companhia das letras, 2006.
- SARLO, Beatriz. “Intelectuais”. In: **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. Tradução, Sérgio Alcides. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora: UFRJ, 2000.

Autor(es)

¹ **Luciene ALMEIDA AZEVEDO, Profa. Dra.**
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Ileel - Instituto de Letras e Linguística
azevedoluciene@hotmail.com

² **Juliana BORGES RODRIGUES, Mestrando.**
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Ileel - Instituto de Letras e Linguística
juliana_borgesrodrigues@yahoo.com.br